

Prefeitura Municipal de Campina Grande, Paraíba

Campina Grande-PB

Professor de Educação Infantil 2



SUMÁRIO

LÍNGUA PORTUGUESA.....	7
■ COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS LITERÁRIOS E/OU INFORMATIVOS.....	7
■ RECURSOS ESTILÍSTICOS (OU FIGURAS DE LINGUAGEM).....	9
■ COESÃO E COERÊNCIA.....	12
■ ORTOGRAFIA.....	16
USO DOS ACENTOS GRÁFICOS.....	16
GRAFIA DE PALAVRAS.....	17
USO DO SINAL INDICATIVO DE CRASE.....	17
■ MORFOLOGIA: CLASSES GRAMATICAIS E PROCESSOS DE FLEXÃO DAS PALAVRAS.....	19
■ SINTAXE DE CONCORDÂNCIA E REGÊNCIA.....	38
■ USO DOS SINAIS DE PONTUAÇÃO.....	44
■ SEMÂNTICA.....	46
SINONÍMIA, ANTONÍMIA, HOMONÍMIA, PARONÍMIA, POLISSEMIA, DENOTAÇÃO E CONOTAÇÃO.....	46
PROFESSOR DE EDUCAÇÃO INFANTIL 2.....	63
■ APRENDIZAGEM COMO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO.....	63
■ O PLANEJAMENTO PEDAGÓGICO.....	64
■ O AMBIENTE DE APRENDIZAGEM.....	66
■ A BRINCADEIRA DE PAPÉIS SOCIAIS E FORMAÇÃO DA PERSONALIDADE.....	68
O LÚDICO COMO INSTRUMENTO DE APRENDIZAGEM: O JOGO E O BRINCAR.....	68
■ A EDUCAÇÃO INFANTIL E SEU PAPEL HOJE.....	73
OBJETIVOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	73
■ AMPLIAÇÃO DO REPERTÓRIO VOCABULAR.....	75
■ A APRENDIZAGEM DA LINGUAGEM E A LINGUAGEM COMO INSTRUMENTO DE APRENDIZAGEM.....	75
A CRIANÇA PRÉ-ESCOLAR E SUAS LINGUAGENS.....	75
■ SITUAÇÕES ESTIMULADORAS NA ÁREA DO PENSAMENTO OPERACIONAL CONCRETO.....	77

■ CONCEPÇÃO DE CRIANÇA.....	77
■ AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL	78
■ GRAFISMO	78
■ DESENHO INFANTIL.....	78
■ PSICOMOTRICIDADE	79
■ DESENVOLVIMENTO HUMANO: PIAGET, VYGOTSKY E WALLON	79
DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM DA CRIANÇA	79
A Criança e o Meio Social	79
O DESENVOLVIMENTO DAS PERCEPÇÕES: O PROCESSO DE FORMAÇÃO DE CONCEITOS	86
■ DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL.....	89
■ INDICADORES DE QUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL	93
■ EDUCAÇÃO INCLUSIVA: MARCOS LEGAIS NACIONAIS	94
■ LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA (LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996)	99
■ ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE – ECA (LEI Nº 8.069, DE 13 DE JULHO DE 1990).....	115
DAS ATRIBUIÇÕES DO CONSELHO	134
■ LEI Nº 10.639, DE 9 DE JANEIRO DE 2003	141
■ LEI Nº 11.645, DE 10 DE MARÇO DE 2008	143
■ BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR – BNCC.....	145
■ LEI Nº 14.113, DE 2020 (FUNDEB).....	147
■ PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – PNE, LEI Nº 13.005, DE 25 DE JUNHO DE 2014	158
■ CONSTITUIÇÃO FEDERAL, DE 5 DE OUTUBRO DE 1988 (ARTS. 205 A 214).....	161

PROFESSOR DE EDUCAÇÃO INFANTIL 2

APRENDIZAGEM COMO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

O processo de ensino-aprendizagem é algo mais amplo do que apenas dominar o conteúdo. Para que esse procedimento de ensinar e aprender aconteça, é importante que o desenvolvimento intelectual, físico e a apropriação de conhecimentos caminhem juntos. Por esse motivo, o aluno precisa ser orientado por meio de métodos, pesquisas e observações com objetivos definidos.

Libâneo (1984, p. 104) define aprendizagem como “um processo de assimilação de conhecimentos escolares por meio da atividade própria dos alunos”.

Dica

A obra Didática (1984), do professor José Carlos Libâneo, é um livro fundamental na formação e no aperfeiçoamento de professores de todos os níveis, além de uma principal referência para quem também pretende gabaritar a temática.

PROCESSOS DIDÁTICOS BÁSICOS: ENSINO E APRENDIZAGEM

Para Libâneo (2013), é importante garantir a unidade didática entre ensino e aprendizagem. O autor também propõe que analisemos cada parte desse processo separadamente. Vejamos:

- **Processo:** ato formativo;
- **Ensino:** “tem como função principal assegurar o processo de transmissão e assimilação dos conteúdos do saber escolar, por meio desse processo, o desenvolvimento das capacidades cognitivas dos alunos” (Libâneo, 2013, p. 80).
- **Aprendizagem:** “é a atividade do aluno de assimilação conhecimentos e habilidades” (Libâneo, 2013, p. 92).

O autor distingue as aprendizagens em casual ou organizada:

- **Aprendizagem casual:** é a aprendizagem espontânea que nasce naturalmente nas relações com o ambiente e as pessoas. Surge a partir da convivência social;
- **Aprendizagem organizada:** aparece com uma finalidade específica. É aquela em que são determinados os conhecimentos, as habilidades e até mesmo as regras sociais. Aqui, aparece a chamada aprendizagem escolar (Libâneo, 1990, p. 82).

O autor enfatiza a **aprendizagem escolar** como uma atividade planejada, intencional e dirigida, não sendo em hipótese alguma casual ou espontânea. Com isso, pode-se pensar que o conhecimento se baseia em dados da realidade.

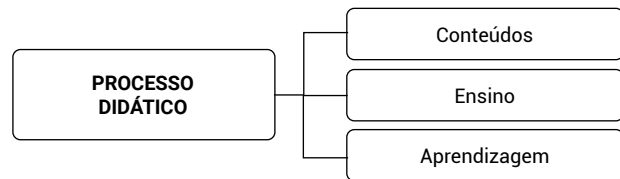
Podemos dizer que existem dois níveis de aprendizagem humana: o reflexo e o cognitivo. Nesse sentido, eles determinam uma interligação nos momentos da assimilação ativa, implicando nas atividades mental e práticas.

O ensino tem três funções inseparáveis:

- organizar os conteúdos para transmissão, oferecendo ao aluno uma relação subjetiva com os mesmos;
- ajudar os alunos nas suas possibilidades de aprender;
- dirigir e controlar atividades do professor para os objetivos da aprendizagem.

ESTRUTURA, COMPONENTES E DINÂMICA DO PROCESSO DE ENSINO

A estrutura e componentes explica o processo didático como a ação recíproca entre três componentes:



O processo de ensino realizado é um sistema articulado, formado pelos objetivos, conteúdos, métodos e condições, sendo, como sempre, o docente o responsável por essa condução.

Aprendizagem

Pilletti (1998) destaca três tipos de aprendizagem:

MOTORA OU MOTRIZ	COGNITIVA	AFETIVA
Simple habilidades motoras, como fala, escrita, andar de bicicleta etc.	Informações, conhecimentos	Sentimento e emoções

Ainda de acordo com Pilette (1988), a aprendizagem ocorre em fases, sendo a primeira a fase da **observação** de uma situação concreta, cuja primeira percepção é geral e difusa. A segunda é a da **análise**, que considera a diversidade dos elementos que integram o conjunto de circunstâncias em que o aprendiz está inserido. A terceira, a fase da **síntese**, é quando ocorrem as conclusões.

A relação do processo entre ensino e aprendizagem não pode ser mecânica. A relação deve ser mútua, na qual o professor deve direcionar a aprendizagem e os alunos devem colaborar com atividades, sendo recíproco o trabalho entre professores e alunos.

O processo de ensino deve considerar atitudes, conhecimentos, habilidades e capacidades cognitivas dos alunos.

Concepções de Aprendizagem

O inatismo, empirismo e o interacionismo foram posições dominantes e que influenciaram a prática escolar na formação dos conhecimentos:

- **Inatismo:** a teoria da aprendizagem refere-se à hereditariedade do sujeito e afirma que suas características são determinadas desde o seu nascimento. O precursor do inatismo é o filósofo grego Platão (427-347 a.C.). O método nessa concepção de aprendizagem é a dialógica ou dialética. O aluno é ativo e possui naturalmente o conhecimento; o papel do professor é ativo e facilitador, ou seja, ele questiona para despertar as ideias;
- **Empirismo:** nesta abordagem, o conhecimento ocorre através da experiência. O indivíduo aprende como consequência dos estímulos externos. O precursor foi o filósofo inglês John Locke. Para essa abordagem, a mente seria um “quadro em branco” (ou uma tábula rasa). O aluno é visto como ser ativo e o papel do professor seria o de facilitador e questionador para despertar as ideias;
- **Interacionismo e Construtivismo:** nestas abordagens, o aluno assume um papel ativo. Há uma relação recíproca entre os fatores internos e os externos. O sujeito aprende por meio da interação com o meio. A construção da inteligência dá-se a partir da interação do sujeito com o objeto. A interação provoca alterações significativas no sujeito e, ao mesmo tempo, transforma o meio e o conhecimento.

REFERÊNCIAS

- LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.
- PILETTI, C. **Didática Geral**. São Paulo: Ática, 1990.

O PLANEJAMENTO PEDAGÓGICO

CONCEPÇÃO

O momento de **planejamento** é um processo contínuo de tomada de decisões, com objetivos a serem alcançados e está voltado para o presente com reflexo no futuro. Por isso, requer um preparo constante, com ações inter-relacionadas e independentes. O planejamento é muito mais importante do que o seu resultado, isso significa ter atitudes concretas diante de um posicionamento coerente com o que se quer alcançar.

[...] é uma ação política, é um processo de tomada de decisões para a ação, frente a entendimentos filosóficos-políticos do mundo e da realidade. Desse modo, não pode ser reduzido, como tem acontecido na maior parte das vezes na prática educacional, ao preenchimento de formulários no início de um semestre ou ano letivos (Luckesi, 2011).

Dessa maneira, o planejamento não deve ser tomado apenas como mais um procedimento administrativo de natureza burocrática. Deve, portanto, ser compreendido como mecanismo de mobilização, articulação e participação dos diferentes sujeitos, segmentos e setores que constituem a instituição escolar e participam dela, com efeito no modo de pensar sobre o que fazer, como, quando, porque, quem e onde.

O planejamento abre espaço para a ação reflexiva da prática pedagógica e para a tomada das decisões no ambiente escolar, fazendo com que se efetivem de forma estratégica e refletindo no processo de avaliação,

condizentes com o estabelecido para o processo de ensino. Os profissionais, ao se depararem com pontos de melhorias, que clamam por necessidades de mudanças, reconstruem um pensamento sobre si e sobre a realidade que estão inseridos. A partir disso, escolhem atitudes mais assertivas na construção do processo de ensino e aprendizagem.

O QUE É PLANEJAMENTO?

O ato de planejar faz-se presente em toda a história do ser humano. É comum nos depararmos, em nosso dia a dia, com situações que necessitam de planejamento, ou seja, de prévia organização, mas nem sempre as nossas atividades diárias são delineadas em etapas concretas da ação, uma vez que já pertencem ao contexto de nossa rotina e ali se firmam.

Entretanto, para a realização de atividades que não estão inseridas em nosso cotidiano, usamos os processos racionais para alcançar o que desejamos, com a sistematização de etapas e procedimentos.

O processo de planejamento é um processo de racionalização, organização e ordenação da ação do educador, pois todos os profissionais envolvidos são partes da dinâmica social, totalmente articulada com as vivências dos estudantes em seu convívio social.

Para Celso Vasconcellos, “*planejar é antecipar ações para atingir certos objetivos, que vêm de necessidades criadas por uma determinada realidade, e, sobretudo, agir de acordo com essas ideias antecipadas*”.¹

Assim, compreendemos a lógica do planejar com o propósito de dar significado à aprendizagem concreta a partir de uma ação docente fundamentada em opções político-pedagógicas e não se resumindo apenas ao trabalho de preencher formulários, uma tarefa simplesmente administrativa.

Planejar, em sentido geral, é um processo que propõe construir respostas para um problema e, por meio de objetivos, busca alcançar a superação dos desafios que virão, sempre considerando as condições do presente, as experiências do passado, os aspectos contextuais e os pressupostos filosóficos, culturais, econômicos e políticos de quem planeja e com quem se planeja, configurando o ponto de partida da ação educativa.

Sendo assim, **planejar** tem como característica estabelecer caminhos que possam nortear a ação educativa de maneira eficiente, propondo o acompanhamento e a avaliação da própria ação. O ato de **planejar** e o de **avaliar** andam sempre juntos.

QUAL A IMPORTÂNCIA DO PROCESSO DE PLANEJAMENTO?

Planejar o processo educativo significa, portanto, organizar, racionalizar e coordenar a ação docente visando à articulação entre os programas, a prática da sala de aula e as questões inerentes ao contexto social e cultural onde cada escola está inserida.

Nesse sentido, quanto maior a clareza do docente no que diz respeito ao conceito de planejamento e ao ato de planejar propriamente dito, maior liberdade e autonomia serão aplicadas no processo de ensino e aprendizagem. Por meio do conhecimento adquirido com as experiências vivenciadas, o docente será capaz de sugerir uma proposta de trabalho pautada em ações eficientes na solução de desafios vivenciados pela instituição e a clientela atendida.

¹ TAKADA, P. Celso dos Santos Vasconcellos fala sobre planejamento escolar. **Nova Escola**, 2009. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/296/planejar-objetivos>. Acesso em: 15 abr. 2022.

Logo, a tarefa de ensinar não pode ser concebida como um processo cujos resultados estão definidos e podem ser predeterminados como produto de uma ação mecanizada, vivenciada no automático, pois a sala de aula constitui-se como espaço privilegiado de negociação, formação do pensamento crítico e de produção de novas conexões com o conhecimento formal a partir de situações de aprendizagem previamente planejadas.

No caso da educação escolar, para planejar tonar-se necessário ter presentes todos os princípios pedagógicos a serem operacionalizados, de tal forma que sejam dimensionados para que se efetivem na realidade educativa. (Luckesi, 2011, p. 209)

O estudante, a partir das experiências vivenciadas no seu contexto social, estabelecendo uma relação com o saber vivenciado no ambiente escolar, convivendo com seus pares e demais profissionais, produzirá novas conexões com efeito significativo na consolidação da sua aprendizagem com total autonomia para intervenção na sua realidade.

PROCESSO DE PLANEJAMENTO: CONCEPÇÃO, IMPORTÂNCIA, DIMENSÕES E NÍVEIS

O planejamento e a organização norteiam a prática do trabalho e prática pedagógica. Quando essas práticas são citadas, logo perguntamos: por que planejar? De acordo com Piletti (1997), essa prática evita a improvisação, traz mais segurança, economiza tempo, energia e promove um trabalho mais eficiente para alcançar os objetivos definidos.

A seguir, acompanhe as concepções de **planejamento** apoiadas na teoria de três autores:

- Libâneo (2013, p. 131):

é um processo de sistematização e organização das ações do professor. É um instrumento da racionalização do trabalho pedagógico que articula a atividade escolar com os conteúdos do contexto social.

- Vasconcellos (2000, p. 79):

Antecipar mentalmente uma ação ou um conjunto de ações a ser realizadas e agir de acordo com o previsto. Planejar não é, pois, apenas algo que se faz antes de agir, mas é também agir em função daquilo que se pensa.

- Luckesi (2011, p. 130):

É um processo que consiste em preparar um conjunto de decisões tendo em vista agir, posteriormente, para atingir determinados objetivos.

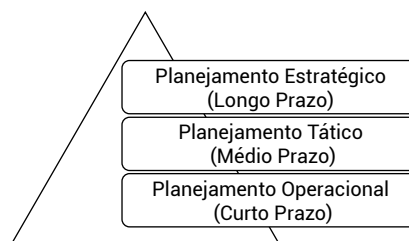
Elementos do Planejamento

- **Objetivos:** para quê e por quê?
- **Conteúdos:** o quê?
- **Procedimentos:** como?
- **Recursos:** de que preciso?
- **Tempo e espaço da educação:** quando e onde ensinar e aprender?
- **Avaliação:** deu certo? O que manter e o que modificar?

Na prática pedagógica, não se pode agir com base no improviso, pois *“Ensinar requer intencionalidade e sistematização”* (Fusari, 1990). O poder de improvisação é sempre necessário, mas não pode ser considerado regra. *“Não há ensino sem planejamento”* (Gandin, 1991).

Níveis do Planejamento

Os planejamentos, de acordo com Chiavenato (2000), são divididos em três níveis, o institucional, tático e operacional, conforme apresentado na pirâmide organizacional:



Planejamento em níveis. Fonte: Chiavenato et al. (2000)

- **Estratégico/Institucional:** *“relaciona-se com objetivos de longo prazo e com estratégias e ações para alcançá-las”* (Chiavenato, 2000, p. 18);
- **Tático/Departamental:** *“relaciona-se a objetivos de mais curto prazo e com estratégias e ações [...]”* (Chiavenato, 2000, p. 18);
- **Operacional:** *“pode ser considerado como a formalização, principalmente através de documentos escritos, das metodologias de desenvolvimento e implantação estabelecidas”* (Chiavenato, 2000, p. 19).

Níveis da Educação

O planejamento da educação é composto por diferentes níveis de organização. Nesse sentido, leia as descrições do quadro a seguir:

NÍVEIS	DEFINIÇÃO
Planejamento do Sistema de Educação	Corresponde ao planejamento da educação em âmbito nacional, estadual e municipal
Planejamento global da escola	Corresponde às ações sobre o funcionamento do funcionamento administrativo e pedagógico da escola; para tanto, este planejamento necessita da participação em conjunto da comunidade escolar
Planejamento curricular	É a organização da dinâmica escolar. É um instrumento que sistematiza as ações escolares do espaço físico às avaliações da aprendizagem
Planejamento de ensino	Envolve a organização das ações dos educadores durante o processo de ensino, integrando professores, coordenadores e alunos na elaboração de uma proposta de ensino, que será projetada para o ano letivo e constantemente avaliada
Planejamento de aula	Organiza ações referentes ao trabalho na sala de aula. É o que o professor prepara para o desenvolvimento da aprendizagem de seus alunos coerentemente articulado com o planejamento curricular, com o planejamento escolar e com o planejamento de ensino

Fonte: Quadro com base na questão da Banca IBFC – Professor B (Pref. Conde – PB)/Matemática/2019.

Qualquer um dos níveis citados deve ser articulado com os demais, ou seja, não há uma independência entre eles, mas todos são complementares entre si.

I PLANEJAMENTO PARTICIPATIVO: CONCEPÇÃO, CONSTRUÇÃO, ACOMPANHAMENTO E AVALIAÇÃO

O Planejamento Participativo (PP) é o processo que envolve a organização do trabalho em grupo de uma instituição escolar. Também tem como base o trabalho coletivo com objetivo de solucionar os problemas comuns existentes no meio social.

Para acontecer um PP, as pessoas envolvidas decidem, discutem, refletem e questionam, ou seja, elas realmente participam e possuem um papel transformador.

Ferreira (1979) identifica três fases do processo de construção, dentro do planejamento participativo:

- a preparação do plano escolar;
- o acompanhamento da execução das operações pensadas no plano escolar;
- a revisão de todo o processo.

Dica

Planejamento (perspectiva participativa): heterogêneo, descentralizador, inclusivo, conflitos e flexibilidade.

Planejamento Escolar: Planos da Escola, do Ensino e da Aula

De acordo com Libâneo (2013), há três modalidades de planejamento articulados entre si: o plano da escola, o plano de ensino e o plano de aulas:

PLANO DA ESCOLA (PLANO DE ENSINO/PLANO DE CURSO/PLANO DE UNIDADE DIDÁTICAS)	PLANO DE ENSINO (PLANO DE UNIDADE)	PLANO DE AULA
Documento mais global; expressa orientações gerais que sintetizam, de um lado, as ligações da escola com o sistema escolar mais amplo e, de outro, as ligações do projeto pedagógico da escola com os planos de ensino propriamente ditos	Previsão dos objetivos e tarefas do trabalho docente para o ano ou semestre; é um documento mais elaborado, dividido por unidades sequenciais, no qual aparecem objetivos específicos, conteúdos e desenvolvimento metodológicos	Previsão do desenvolvimento do conteúdo para uma aula ou conjunto de aulas e tem um caráter específico. Etapas: <ul style="list-style-type: none">● Tema abordado● Objetivos gerais● Metodologia● Avaliação● Bibliografia

Fonte: Quadro com base na questão da Banca FUNDATEC (Pref. São Borja – RS) Professor – Geografia/2019

I REFERÊNCIAS

- CHIAVENATO, I. **Administração: teoria, processo e prática**. 3. Ed. São Paulo: Makron Books, 2000.
- FERREIRA, F. W. **Planejamento Sim e Não: um modo de agir num mundo em permanente mudança**. 11. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- FERREIRA, J. W. **Avaliação da aprendizagem e outros temas do ensino superior**. Cuiabá: Kcm, 2008.
- FUSARI, J. C. O planejamento do trabalho pedagógico: algumas indagações e tentativas de respostas. In: **Ideias**. São Paulo, n. 8, p. 44-58, 1990.
- GANDIN, D. **Planejamento como prática educativa**. 6. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 1991.
- LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 2013.
- LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem: componente do ato pedagógico**. São Paulo: Cortez, 2011.
- PILETTI, N. **Psicologia Educacional**. São Paulo: Ed. Ática, 1997.
- VASCONCELLOS, C. S. **Planejamento: projeto de ensino aprendizagem e projeto político-pedagógico**. 16.ed. São Paulo: Libertad, 2002.

O AMBIENTE DE APRENDIZAGEM

Na pedagogia da infância, o ambiente é elemento importante de ser considerado. Autores como Barbosa (2006), Forneiro (1998) e Oliveira-Formosinho (2011) consideram que *“o ambiente determina, em grande parte, a forma de sentir, pensar e agir das pessoas”* (Cruz; Cruz, 2017, p. 72).

Nesse entendimento, considera-se a diferença entre **espaço e ambiente**. Nas palavras de Cruz e Cruz (2017, p. 72):

A palavra ambiente refere-se ao espaço físico (caracterizado, por exemplo, pelo tamanho, pelos objetos, pelos materiais didáticos, pelo mobiliário e pela decoração) acrescido das relações que nele são estabelecidas (incluindo os afetos, os conflitos e as ambiguidades existentes nas trocas entre as crianças, entre estas e os adultos e entre estes) (Cruz; Cruz, 2017, p. 72).

Já com relação ao espaço, Cruz e Cruz (2017) pontuam que

[...] por meio do espaço físico, a criança é capaz de estabelecer relações entre as pessoas e o mundo, convertendo-o em cenário para as emoções. Essa qualificação do espaço físico é o que o transforma em ambiente (Forneiro, 1998; Horn, 2004 apud Cruz; Cruz, 2017, p. 72).

Nessa direção, ressalta-se a maneira como os ambientes são organizados, já que esta organização está relacionada ao modo como as atividades serão desenvolvidas na Educação Infantil. Cabral e Félix (2017, p. 7) sinalizam que:

Por meio das ambientações, os espaços são organizados de várias maneiras, de acordo com as possibilidades que eles permitem. O professor seleciona, organiza e apresenta materiais, que ficam à disposição das crianças, a fim de estimular o desenvolvimento da linguagem oral, a representação de papéis, a exploração de materiais e a interação entre elas.

Nesse sentido, o ambiente pode facilitar e potencializar as aprendizagens das crianças, de modo que

[...] por meio da organização dos espaços/ambientes, torna-se possível oferecer às crianças possibilidade de interação com o meio e com os objetos dispostos, promovendo momentos de exploração, significação e aprendizagem (Cabral; Félix, 2017, p. 8).

Além disso, cumpre assinalar que o ambiente é “uma representação de uma determinada concepção estética, organizado com o intuito de ser atrativo, acolhedor e aconchegante ao sujeito que o ocupa” (Freitas et al. 2015, p. 46). Assim sendo, nesse contexto da organização do ambiente, considera-se que o espaço:

Consiste em um documento de identidade daqueles que o ocupam e sua análise permite-nos deduzir quais são as culturas contempladas nele e os referenciais epistemológicos que orientam a organização pedagógica da escola e a prática dos docentes (Freitas et al. 2015, p. 48).

Isso quer dizer que a identidade das pessoas que ocupam estes espaços da Educação Infantil orienta a sua configuração, de modo que é importante se ter uma atenção e cuidado com o planejamento desses espaços. Assim, de acordo com Freitas et al. (2015, p. 50),

[...] antes mesmo de pensar na organização da sala de aula, desde o momento em que se decide construir ou reformar uma escola de Educação Infantil, os professores, os pais e as crianças deveriam ser consultados.

Para tanto, essa organização do espaço no ambiente da Educação Infantil deve ser pensada de maneira que:

As escolhas feitas acerca de que móveis, materiais, livros, brinquedos, gravuras, móveis, animais ou plantas estarão disponíveis às crianças e adultos, como estarão organizados e como serão usados, fazem muita diferença na qualidade das experiências vividas nos contextos de creches e pré-escolas (Cruz; Cruz, 2017, p. 75).

Assim, a organização do ambiente deve considerar que ele — o ambiente — promove momentos de interação entre as crianças, bem como entre as crianças e os adultos da instituição. Cumpre assinalar que:

Esses contextos “tendem a ser agradáveis e acolhedores, contando muito sobre os projetos e as atividades, sobre as rotinas diárias e sobre as pessoas grandes e pequenas que fazem da complexa interação que ocorre ali algo significativo e alegre” (Gandini, 1999, p. 147 apud Cruz; Cruz, 2017, p. 75).

Este é um aspecto fundamental, já que um ambiente que não é acessível nem favorece as interações nos diferentes espaços torna-se um limitador na aprendizagem das crianças. A exemplo disso, Freitas et al. (2015, p. 55) sinalizam o seguinte:

A organização dos espaços fala por si mesma, ou seja, se constitui como linguagem ao dizer o que se pode ou não fazer e onde se pode ou não agir: em uma sala em que os brinquedos estão todos dispostos no alto, supõem-se que apenas quem tem altura adequada, no caso, os adultos, podem ter acesso ao material. O espaço aí disposto conduz as crianças a pedirem permissão para o manuseio de tais brinquedos.

Esta situação demonstra a importância da organização dos espaços de maneira que sejam acessíveis às crianças e que possibilitem o desenvolvimento da autonomia delas. Prateleiras e armários em que as crianças possam pegar e guardar os brinquedos e objetos favorecem a interação das crianças com estes espaços, o que amplia as possibilidades de aprendizagem delas.